

O conceito de Bioética como *Ética-da-vida* ou *Aionética*¹

Ursino Neto

Exercícios de ser criança
*No caminho, antes, a gente precisava
De atravessar um rio inventado.
Na travessia o carro afundou
E os bois morreram afogados.
Eu não morri porque o rio era inventado.*
Manoel de Barros

SUMÁRIO

- 1 Considerações preliminares
- 2 Resgate histórico do conceito de *formação humana*
- 3 A crítica de Nietzsche como reviravolta conceitual
- 4 O desafio de produzir o conceito de um saber relacionando *vida e ética* hoje
- 5 Considerações finais

1 Considerações preliminares

Bioética é um neologismo, uma palavra inventada, proveniente e difundida a partir do ambiente acadêmico universitário norte-americano no início dos anos de 1970 para designar um novo saber.

No seu conteúdo, distintos significados foram postos expressando valores diversos que se materializaram no ensino de graduação e de pós-graduação nos mais variados cursos ao redor do mundo, principalmente, na área da saúde.

O que significa bioética? Geralmente, o significado de um termo é o que se designa ou se expressa na linguagem dizendo respeito aos signos presentes nele.

Sendo assim, por justaposição, bioética indica a perspectiva e o valor da relação entre *vida e ética*.

Genericamente, se considera bioética o saber que atua como “mediador”, “orientador”, “regulador” do conflito entre a inovação biotecnológica e a moral relativa à vida.

Os valores morais são constituintes da tradição de cada cultura, enquanto o avanço da ciência provoca a biotecnologia que impacta a sociedade e transforma a vida do indivíduo.

Ora, de imediato, se põe uma questão temática essencial: o termo adequado é bioética ou biomoral?

Para a devida compreensão do tema e uma resposta coerente, é imperativo resgatar a filologia dos étimos *ética* e *moral*.

Iniciando por *ética*. Esta palavra concerne a um saber filosófico instaurado há cerca de 2.500 anos na Grécia clássica, matriz cultural do Ocidente.

A circunscrição do *campo da ética* advém da transliteração de *dois substantivos gregos*: *ēthos* (ἦθος – com a vogal *eta* [η] inicial) e *ethos* (ἔθος – com a vogal *épsilon* [ε] inicial).

¹ Texto didático 2 (graduação 2020.1): uma referência para produzir um *exercício de experiência ética*.

As duas grafias quase homófonas e homógrafas existentes na língua grega originaram linhas de pensamento ou eixos de interpretação distintos.

O primeiro termo *ēthos* significava, no grego arcaico, o local do abrigo, a habitação tanto do homem (casa) quanto de animais (estábulo).

A partir do século V a.C., com a elaboração do pensamento filosófico sobre a condição humana, ele adquiriu o valor de “abrigo interior”, ampliando a sua semântica para indicar o *caráter* do indivíduo, a sua *peculiaridade*, o seu *modo de ser* ou a sua *forma de vida*. Didaticamente, ele será grafado daqui em diante com o E maiúsculo (*Ethos*).

Já o segundo *ethos* se referia ao comportamento humano do *hábito*. Este, geralmente, relacionado a uma diretriz orientadora do *costume*, isto é, um componente e traço característico da *cultura* que se fará um pertence do próprio indivíduo por meio do ato repetitivo e, naturalmente, da educação.

Aristóteles (384 a.C.-322 a.C.), discípulo de Platão (428 a.C.-348 a.C.) por vinte anos, foi o filósofo responsável pela sistematização do conhecimento relativo ao *campo ético* na cultura grega clássica².

Atenção para as seguintes observações:

A palavra *ética* em português deveria ser interpretada sempre como um adjetivo porque a língua grega é constituída de declinações e as palavras mudam a sua estrutura de acordo com a função na frase (também chamado caso: nominativo, genitivo, acusativo, dativo etc.).

Em grego, o substantivo é *ethos* (caso nominativo) e os outros qualificativos como *ethiká*, *ethiké* etc. derivam da raiz (*eth*) mudando a desinência (terminação da palavra, *iká*, *iké*) dependendo da sua aplicação no contexto da frase (isto é, varia quando se trata de origem ou pertencimento, de objeto direto ou indireto etc.).

Aqui, para melhor compreensão didática e usando termos atuais, se diz: o *Ethos* concerne à *subjetividade*, à condição interior individual, à singularidade do ser humano.

Enquanto o *ethos* se refere à *exterioridade social*, aos costumes da cultura, aos hábitos, às normas e regras que direcionam o comportamento de uma pessoa, grupo ou comunidade.

Embora os dois étimos possibilitem a interpretação de significados diferentes, o campo ético é o conjunto que os entrelaça.

A concepção grega filosófico-linguística de *Ethos* e *ethos* foi traduzida em torno do século I a.C.³ para o latim que, sendo também uma língua com declinações, a incorporou em seus próprios casos, isto é, *mos*, *mores*, *moris*, *moralia* etc.

Esta é a explicação, a justificativa do motivo pelo qual se encontra nas línguas *neolatinas*, como o português, a palavra *moral*.

O substantivo moral, na língua portuguesa, é antecedido por artigo ou preposição para designar as diferentes acepções dos substantivos gregos *Ethos* e *ethos*.

Em suma, os dois termos *ética* e *moral* são utilizados nas línguas contemporâneas; entretanto, às vezes, de modo confuso ou incoerente.

De acordo com Cesar Candiotti⁴, o pensamento filosófico inventou um artifício para abrigá-los respeitando a distinção entre eles.

O substantivo grego *Ethos* (caráter, modo de ser) passou a ser interpretado como ética; enquanto, para o outro *ethos* (costume, hábito social) ficou reservada a palavra moral.

² Cf. ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. 4º ed. São Paulo: EDIPRO, 2014.

³ Há relatos indicando que o livro *Ética a Nicômaco* foi traduzido por Cícero nessa época.

⁴ Cf. CANDIOTTO, C. (Org.) *Ética: abordagens e perspectivas*. 2º ed. Curitiba: Champagnat, 2011.

O conceito de moral se expressa na força determinante das instituições da cultura quando atuam normatizando a vida humana por intermédio da tradição dos costumes, dos hábitos, das regras, dos códigos, dos discursos etc.

A religião e o direito são duas fontes originárias da moral.

Após essa exploração digressiva, dois pontos foram esclarecidos:

O primeiro, o conceito da bioética hegemônica designado de “*referência reguladora e institucional para o uso da tecnociência em biomedicina*”⁵ é uma *biomoral* porque concerne ao *ethos*, ou seja, ao campo dos valores regradados da cultura.

O segundo, as correntes tradicionais da bioética esqueceram a dimensão ética do outro *Ethos*.

Por isso, o módulo de *Bioética e Cidadania* da Faculdade de Medicina - UFC se pôs o desafio de produzir um novo conceito de bioética resgatando do oblívio o que foi olvidado.

Nós nos propomos investigar, pesquisar a dimensão do *Ethos* que na tradição bioética está invisível ou, de fato, ausente.

De partida, se poderia questionar: como se forma o *Ethos* do ser humano? O caráter do indivíduo, a sua singularidade, o seu modo de ser?

A resposta sucinta indica a família, a religião, os grupos sociais como instâncias relevantes de formação; todavia, todos sustentados pelo campo da educação em seu projeto compreendido e designado como “*formação humana*”.

O sentido de *educação* é compreendido do latim.

Duas palavras expressam a sua origem etimológica: *educere* e *educare*.

A mais conhecida, *educere*, é uma composição de *ex* e *duco*, significando “fazer sair”, “extrair” que, por extensão, guardava o sentido de “tirar do ventre da mãe”, ou seja, “pôr no mundo”.

Sendo assim, educar é projetar, emular o aprendiz e, conseqüentemente, torná-lo capacitado para o mundo, promover a sua vida.

Já a semântica de *educare* é menos divulgada. Ela se liga ao âmbito da alimentação e destaca o parentesco de *ed* como raiz de *edere*, verbo que indica “alimentar” ou “dar a comida”.

A ideia está associada a um mito, ao nome da deusa romana *Educa*, cuja função era o ensino das crianças a alimentar-se ou o aprendizado da comida, da refeição.

Aqui se compreenderá esta interpretação originária de educar como oportunizar ao(à) estudante a condição da autonomia⁶, de propiciar o *salto para a liberdade* de fazer-se crescer, de potencializar-se, desenvolvendo o *próprio valor da formação*.

Em português, esta palavra é fruto de uma justaposição: *forma* como ideia conjugada à *ação* humana como gesto, como conduta de um ato realizado ou a efetivar; portanto, o seu sentido perpassa o campo ético.

Em linhas gerais, o conceito de *formação humana* perscruta dois polos: um estudo mais amplo que se denomina “*formação em humanidades*”, tendo como eixo condutor a educação.

E o outro direcionado à “*formação profissional*” que capacita o indivíduo para realizar uma tarefa social reconhecida.

Os polos não são excludentes, pois o tema abrange ambos.

O objetivo do texto didático é estudar, explorar, pesquisar um novo conceito de bioética como um saber relativo à formação do *Ethos* inserindo a relação entre *vida* e *ética* no contexto da *formação humana para a vida*.

⁵ Cf. O texto didático 1: *Genealogia da Bioética: as fontes originárias e o desafio contemporâneo*.

⁶ Minha reverência e agradecimento ao Patrono da Educação Brasileira: Paulo Freire.

2 Resgate histórico do conceito de *formação humana*

O que significa o conceito de *formação humana* para a cultura ocidental?

Uma resposta coerente só poderá ser obtida realizando uma investigação histórica porque com isso se desvela a *paidéia* grega e com ela a herança ainda hoje traço constituinte da educação no Ocidente.

Paidéia é um termo grego para o qual não se tem nas línguas contemporâneas um sinônimo preciso, pois qualquer palavra empregada como ensino, pedagogia, educação poderia ser interpretada como insuficiente.

Assim sendo, aqui se manterá a palavra grega originária indicando o seu entendimento expansivo e abrangente de formação humana.

Na *paidéia*, “a educação do Homem se constituía de acordo com a sua verdadeira forma, com o seu autêntico ser”⁷. Tal forma era uma *ideia* significando a imagem do *ser homem* em sua validade universal e normativa.

Para os gregos, a essência da educação consistia na modelagem dos indivíduos pela norma da comunidade, da cidade, ou seja, da *polis*: genuína e literalmente uma *política*.

Tal concepção é muito mais ampla do que os conceitos de *sujeito* da modernidade e o de *cidadão* da contemporaneidade.

No estudo da filosofia da educação, se considera a fonte originária da formação humana o debate entre Sócrates e os sofistas (especificamente, Protágoras) sobre o “ensino” da *areté* em torno do século IV a.C. em Atenas.

O termo grego *areté* chegou até a língua portuguesa por intermédio do latim com uma tradução limitada: virtude.

Na origem, a palavra *areté* designava a “excelência”, a “força interior”, a “perfeição” ou o “melhor valor” de alguém ou de algo.

A qualificação expressa neste “melhor valor” constituía a plenitude do ser (deste alguém ou deste algo), em outras palavras, *uma força que lhe era própria*⁸.

Portanto, o valor era o sentido de tornar-se perfeito ou de adquirir a forma ideal.

Sócrates é um personagem lendário da filosofia, considerado como o marco divisor do pensamento antigo em antes e depois dele. O que de tão significativo para a cultura ocidental produziu ele?

Lembrando: Sócrates nada deixou escrito, o que se conhece do seu pensamento é o legado dos seus discípulos, o principal: Platão.

Em linhas gerais, observando-se a limitação de um texto didático, se resume a extraordinária contribuição *socrático-platônica* à elaboração e ao desenvolvimento do projeto que conduzia a natureza do homem à realização do seu ser ao praticar *o exame de si próprio*.

Este *exercício* era pautado no pensamento (*logos*), tendo como referência a concepção do *Bem*. Por meio dele seria possível adquirir a *areté* e atingir a felicidade.

O que fundamenta esta convicção?

A resposta é inequívoca: a dimensão ética (do *Ethos*) como uma capacidade racional constituindo a essência do ser humano.

Assim, o *melhor modo de ser* de um indivíduo tem início com o *autoexame* da *psyché*⁹: este é o caminho pelo qual se pode chegar à “perfeição” e à harmonia com a natureza do universo, isto é, encontrar-se em *eudaimonia* que amiúde se traduz por *felicidade*.

⁷ Cf. JAEGER, W. *Paidéia: a formação do homem grego*. 3º ed. São Paulo: Martins Fontes, p. 14, 1994.

⁸ Cf. JAEGER, W. *Op. cit.* p. 26.

⁹ *Psyché* se traduz como *alma*, sendo origem etimológica da palavra *psicologia*.

Também aqui se trata de uma tradução inadequada do grego porque o significado originário da palavra *eudaimonia* era “ter um”, “participar de” ou “pertencer a um bom *daímon*¹⁰” com o sentido de *viver feliz*, ter uma *vida boa*.

A partir disso se desvela o *discurso socrático* como um fenômeno cultural novo e uma *mudança paradigmática de valor*: o homem pode alcançar a *eudaimonia* pelo domínio completo sobre si mesmo, de acordo com a ordem encontrada no exame da sua própria alma.

O que de relevante eclodiu desta nova concepção?

Um método, uma experiência inquirindo e enfatizando o valor do conhecimento: *o conhece-te a ti mesmo*.

Embora o “conhece-te a ti mesmo” (em grego, *gnôthi seauton*; em latim, *temet nosce*) não fosse uma invenção de Sócrates porque era um preceito da sua cultura, pois se encontrava escrito no pórtico do templo do deus Apolo em Delfos, o seu ato de problematizá-lo possibilitou a eclosão de uma nova perspectiva e fez emergir o valor que justificava viver.

Para isso, era necessário que o indivíduo examinasse a sua conduta e discernisse sobre o principal conhecimento que vinculava alma e *areté* por intermédio de um “exercício de reflexão intelectual”.

Uma frase atribuída a Sócrates – “uma vida sem exame não merece ser vivida” – pode ser interpretada como uma síntese analítica referente à relação entre a vida e a formação do *Ethos*.

Em suma, o essencial era o produzido no exercício do *cuidado de si*¹¹ como o valor fundante, o sentido que justificava a vida de cada um.

Avançando na análise, se tornará transparente e compreensível a contribuição original de Platão relativa ao conceito de formação humana.

Desde o grego arcaico, a palavra *zoé* designava *vida*. O étimo correspondia a um espectro amplo abrangendo tanto o fenômeno vida da natureza quanto a vida dos seres em geral (homens, deuses, animais etc.).

Entretanto, para expressar a intenção e a narrativa daquele acontecimento iniciado, instigado e promovido por Sócrates, isto é, o exercício do *cuidado de si* interpretando o valor da própria vida, foi atribuída a Platão a invenção de um novo termo conceitual inserido e difundido na cultura grega por intermédio da palavra *bíos*¹².

O filósofo da Academia a empregou com o sentido de uma *forma de vida modelo* para o homem com a perspectiva de assinalar a conduta direcionada para atingir o *Bem*.

A partir de Platão, *bíos* será a vida qualitativamente diferenciada do indivíduo humano que intencionava atingir a *forma perfeita do ser*.

Aqui, no espaço do texto didático, só é possível registrar que Platão sustentou o seu pensamento na analogia com a *medicina hipocrática*, tomando-a como o modelo do “cuidado do corpo”.

Resumindo, o socrático “cuidado com a alma” levou a cultura grega a projetar um novo valor para a forma de vida estabelecida no conceito *bíos*.

Em outras palavras, o conceito de vida humana foi transformado da interpretação de um processo natural de vida (*zoé*) para a compreensão de uma unidade

¹⁰ Adiante, neste texto, se interpretará o significado de *daímon*.

¹¹ Michel Foucault justificará esta expressão que será estudada no texto didático 7.

¹² Nas línguas contemporâneas a palavra *bíos* foi transformada e reduzida a uma corruptela - *bio* - interpretada como *vida* em geral (por exemplo, biologia).

expansiva de perspectiva: uma forma consciente de vida (*bíos*) baseada integralmente no *valor interior* do homem¹³.

Avançando com o pensamento de Sócrates, a tradição filosófica clássica, representada em Platão e Aristóteles, fundou o conceito de *ética* relacionando-o ao conceito de *bíos*, isto é, à *forma de vida* humana.

Daqui se depreende uma *relação originária* conjugando o plano da vida com a dimensão do *Ethos* ou do modo de ser.

Uma inferência poderia ser feita neste ponto concernindo à interpretação de tal entrelaçamento como *uma bioética*. Ou, na feliz expressão do professor Fermin Schramm: “toda ética é, antes, uma bioética”¹⁴.

Entretanto, no desdobrar da história tradicional da filosofia, desde a época dos gregos, o valor da forma de vida passou a ser justificado no campo metafísico, ancorado no peso da verdade.

Na Idade Média, isso ocorreu com o sustentáculo hegemônico da Igreja Católica Romana que imprimiu nesse valor o selo do absoluto com a interpretação da vida como um bem sagrado oriundo da graça, da dádiva benevolente de um Deus criador que se resume na expressão “sacralidade da vida”.

Com o advento da Modernidade, paulatinamente, foi sendo consolidado um acontecimento na cultura ocidental que ficou conhecido na literatura e na filosofia como *niilismo*.

Nesse contexto, a supremacia da ciência possibilitou um novo paradigma de valor relativo à interpretação da vida humana sendo adverso ao valor teológico da “sacralidade da vida”.

Com isso, foi instaurado um conflito moral irreduzível.

Entretanto, ainda hoje perdura a força característica da “sacralidade da vida” no domínio ou no controle sobre a vida agora investido de um “biopoder” matizado pela normatização do *status quo*.

III A crítica de Nietzsche como reviravolta conceitual

Ao problematizar a cultura da sua época, Friedrich Nietzsche (1844-1900) se pôs ao avesso da tradição filosófica.

Relembrando, o pensamento ortodoxo estabelecia a *forma de vida* humana como uma substância que se vai moldando pelo *logos* (pensamento, razão) para atingir um fim idealizado por uma ideia prévia justificada na *metafísica*.

O filósofo alemão combateu esse modelo de filosofia apresentando a imanência da própria vida como o cerne da sua interpretação, problematizando o oculto no conceito de formação humana da transcendência suprema.

Com isso, se atinge o cerne da justificativa moral da tradição com os questionamentos: que força determinou o valor metafísico da vida, quais os seus interesses escondidos e, sobretudo, qual a relação entre a vida e o valor moral?

Para Nietzsche, a realidade, a cultura, a moral e o próprio “eu” eram relações de força. Consequentemente, o plano existencial da própria vida foi redimensionado como referência maior de uma *transvaloração* de todos os valores, estabelecendo um novo sentido para a humanidade.

Em um dos seus textos mais significativos, ele iniciou *Os discursos de Zarathustra*¹⁵ no capítulo intitulado *Das três transformações* escrevendo:

¹³ Cf. JAEGER, W. *Op. cit.* p. 537.

¹⁴ Cf. SCHRAMM, FR. *Toda ética é, antes, uma bioética*. Revista *Humanidades*; 34, pp. 325-331, 1994.

¹⁵ Cf. NIETZSCHE, F. *Assim falou Zarathustra*. São Paulo: Martin Claret, pp. 37-38, 2007.

“Três transformações do espírito vos menciono: como o espírito se converte em camelo, e o camelo em leão, e o leão, finalmente, em criança. (...) O espírito de carga sobrecarrega-se de todas estas coisas pesadíssimas; e à semelhança do camelo que corre carregado pelo deserto, assim ele corre pelo seu deserto. (...) que falta faz o leão no espírito? Não será suficiente a besta de carga, que abdica e venera? Criar valores novos é coisa que o leão ainda não pode; mas criar uma liberdade para a nova criação, isso pode o poder do leão. (...) Para que será preciso que o altivo leão se converta em criança? A criança é a inocência, e o esquecimento, um novo começar, um brinquedo, uma roda que gira por si mesma, um primeiro movimento, uma santa afirmação. Sim; para o jogo da criação...”.

Para enfrentar a metafísica e o racionalismo clássico, ele buscou alicerce em um pensamento anterior ao modelo da tradição filosófica.

Quem Nietzsche encontrou como fonte de inspiração?

O filósofo pré-socrático Heráclito.

Na imagem metafórica do seu texto, a figura poética da *criança-jogo* é um pensamento heraclítico: “O *evo*¹⁶ [*aión*] é um menino que brinca jogando dados: regime de criança”.

Para sintetizar, em Friedrich Nietzsche a forma de vida do homem é um broto, uma semente a germinar um novo tipo humano denominado *Além-homem* (*Übermensch*) pautado na auto superação.

Daqui se compreende o principal valor da formação humana relacionado à autenticidade de viver a singularidade da vida, aquela única que se tem na imanência dela própria.

IV O desafio de produzir o conceito de um saber relacionando *vida e ética* hoje

Com o mesmo propósito de anteposição ao pensamento filosófico tradicional e seguindo na trilha de Nietzsche, esta pesquisa identificou em Heráclito uma antecipação do pensamento ético socrático ao escrever: “*Investiguei-me a mim próprio*”.

Heráclito foi o primeiro pensador a meditar sobre o *campo ético*, pois situou a prudência (*phronesis*) no mesmo patamar da sabedoria (*sophia*), com isso relacionando e fazendo conexão entre o conhecimento e os valores de orientação da vida humana¹⁷.

Os textos heraclíticos conservados são compostos de fragmentos. Neles, a forma de escrita tem o estilo aforismático, não se constituindo em uma obra completa elaborada como um sistema, fato recorrente entre os filósofos a partir de Platão.

Ele foi um genial *físico* (filósofo da *Physis*, da Natureza) que contribuiu com uma ideia revolucionária sobre o cosmos, interpretando a realidade como uma transformação infinita e contínua em que todas as coisas brotam, fenecem e retornam.

Heráclito inventou o conceito de tensão entre o arco e a lira como um símbolo da harmonia dos contrários no universo.

A natureza é fruto de tensão oposta que se realiza na unidade em que “todas as coisas são um”.

Para o tema que se está pesquisando, a sua meditação de destaque é o Fragmento DK B119: “*Ethos antropoi daímon*” cuja tradução se escreve: “O caráter (*Ethos*) é o *daímon* do homem”¹⁸.

¹⁶ Na mitologia órfica, *evo* tem o significado de *Aión*, filho de Cronos, também chamado Dioniso.

¹⁷ Cf. JAEGER, W. *Op. cit.* p. 225.

¹⁸ Cf. VEGETTI, M. *A ética dos antigos*. São Paulo: Paulus, p. 124, 2014.

Melhor se manter o termo *daímon* em grego, pois a tradução em *demônio* resulta em significado errôneo ao se associar imediatamente o pensamento àquela figura vulgarizada no catecismo dogmático religioso.

Daímon é um termo indo-europeu antigo, procedente da mística oriental órfico-pitagórica. Tratava-se de um ser de procedência divina que se instalava nos corpos humanos. Para aquela tradição, o *daímon* ao se conjugar com a alma garantia a imortalidade dela.

O aforisma de Heráclito ultrapassa a tradição órfico-pitagórica, pois a sua interpretação negava a entidade divina do *daímon* ao fazer dele um componente, um constituinte do *caráter*, do *modo de ser* humano: o seu próprio *Ethos*.

Compondo um plano de invenção com Nietzsche e Heráclito, além de agregar autores advindos de diversas áreas de humanidades (filosofia, literatura, artes plásticas etc.), agora já se tem as ferramentas necessárias para produzir o conceito de um saber relacionando *vida* e *ética* hoje.

O primeiro movimento é compreender o liame entre vida e ética como uma *relação de pertencimento*.

Nas línguas que se declinam (exemplo: grego, latim, alemão etc.) a relação de pertencimento, de posse ou de origem é um caso gramatical chamado genitivo.

Na interpretação do campo filosófico grego clássico, o *Ethos* é um pertencimento à interioridade (*genitivo subjetivo* ou ética) e o segundo *ethos* é um pertence da exterioridade (*genitivo objetivo* ou moral).

A língua portuguesa atual “perdeu” as declinações; entretanto, as preposições *de*, *do(s)* e *da(s)* expressam o correlato do genitivo (exemplo: o livro *de* João).

Para se indicar que a dimensão ética é um pertence da vida, a partir daqui se estabelece a grafia hifenizada para jungir ética e vida, ou seja, no lugar de bioética, se escreve *ética-da-vida*, pois assim transparece a coerência na linguagem e se resgata a origem do conceito de formação humana advindo do saber do *Ethos*.

Embora o saber produzido na *ética-da-vida* elabore a formação do caráter, o modo de ser do indivíduo, a sua forma de vida é o próprio *ato de viver a sua singularidade* como uma *potência da vida*.

Ora, esta *biopotência*, este *conatus*¹⁹, esta *força que perdura*, sendo uma intensidade da vida, exige outra designação distinta do termo *bíos* da tradição filosófica.

No contemporâneo, a compreensão ampliada de física capta a relação entre o tempo e a biologia de modo instigante.

O tempo não é mais somente considerado o cíclico das quatro estações, o circular, o cronológico, mas compreendido também como uma *forma pura*, um *intervalo* de tempo que se interpreta como uma *força de vida*, ou melhor, *vida-tempo*.

Daqui eclodiu a ideia de ressignificar a palavra *vida*, ultrapassando o significado biológico da redutora corruptela *bio*, com outra denominação implicando novo sentido e valor.

Aión foi o termo escolhido, pois além de projetar uma nova perspectiva, ele também resgata um étimo arcaico da língua helênica que indicava uma percepção de tempo diferente do convencional.

A leitura de vida como *aión* possibilita um novo valor atribuído ao conceito de *forma de vida* porque agora a *forma* não é o modelo estático do Bem como o *bíos* de Platão, mas uma permanente *transformação de si*, um *devir*, uma *invenção de si-mesmo*.

Assim sendo, o saber contemporâneo que relaciona ética à vida por intermédio de parâmetros que ultrapassam os tradicionais bioéticos será denominado de *aionética*.

¹⁹ Conceito de Espinosa que será visto no texto didático 5.

Ética-da-vida ou *aionética* é o novo eixo de interpretação da bioética que será elaborado e produzido no módulo *Bioética e Cidadania* da Faculdade de Medicina da UFC.

Ética-da-vida ou *aionética* é um saber ético relativo à dimensão do *Ethos* produzindo uma nova forma de vida para o século XXI e, coerentemente, também se hifenizará como *forma-de-vida*.

V Considerações finais

O século XXI exige uma nova *paidéia*, uma *formação humana para a vida* na *diferença* e não mais na identidade do *eu-mesmo*.

A *ética-da-vida* ou *aionética* é o saber ético que tem o intuito de oportunizá-la almejando alcançar uma nova perspectiva de pensar a relação entre vida humana e ética como uma *sabedoria de vida*.

A ortodoxia do pensamento moral produz conforto, resignação com a própria forma de ser, passividade relativa ao amoldamento, ao engessamento da vida decorrente das regras institucionais, da normatização cultural ou das imposições do sistema econômico-social porque é um modelo prévio já estruturado, pronto, completo.

Entretanto, a formação humana no presente não se justifica mais no mesmo molde da *paidéia* grega, cuja institucionalização desaguou no tipo de ensino em que o saber é proclamado autoritariamente do alto da cátedra (do latim, *cathedra*), implicando em lugar (cadeira) de privilégio ou hierarquia do professor.

Ética-da-vida ou *aionética* recusa todo tipo de *saber-poder* arbitrário que enclausura a potência da *forma-de-vida* do(a) discente como se faz tradicionalmente.

Por isso, rejeita a designação de “cadeira” e acolhe o termo afetivo, carinhosamente inventado para designá-la: *tamborete*. Metáfora, mas também instrumento crítico, dispositivo de luta, de resiliência, de resistência ao biopoder. A sua função é propiciar o *salto* do(a) aprendiz *para a liberdade*.

O salto se efetiva por intermédio do PensArteCorpo como uma produção ou *invenção de si-mesmo*²⁰.

Aionética é um saber com a dimensão de sabedoria. Em latim, sabedoria é *sapientia* e provém do verbo *sapere* em que se congemina dois significados: o de saber (conhecer em geral) e o de saber o sabor (conhecer a sensação do paladar)²¹.

De *sapere* vem *sapio*, a sensação do sabor que antecede o saber. Aquilo que se degusta, se experimenta e se prova antes do conhecimento, de adquirir o saber.

Em suma, *aionética* é sabedoria, saber saboroso que se conhece não exclusivamente pelo intelecto; mas, sobretudo, mediante o corpo porque este é o mediador da experiência humana.

O novo conceito de bioética como *ética-da-vida* ou *aionética* interpreta o valor da vida como *autopoiesis*, um acontecimento da própria experiência vital que torna a ética um pertence incorporado possibilitando ao ser humano uma *natureza diferente* como *forma-de-vida*.

Concluindo, *aionética* é um saber de *formação humana para a vida* contemporânea compromissada com a última das *três transformações* do Zaratustra de Nietzsche, isto é, o *tornar-se criança* e se posiciona com uma proposta de ensino problematizadora que nos desafia a *experimentar* um novo exercício tendo a *vida* como referência de aprendizagem *ética* com a perspectiva de produzir *liberdade*.

²⁰ Cf. O texto didático 4: PensArteCorpo: o método para produzir o saber da *ética-da-vida* ou *aionética*.

²¹ Cf. ALVES, R. *Variações sobre o prazer: Santo Agostinho, Nietzsche, Marx e Babette*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2011.